



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O QUE PENSAM ESTUDANTES DE LETRAS/INGLÊS SOBRE A APRENDIZAGEM E O ENSINO DA LI? CRENÇAS, EXPERIÊNCIAS E EXPECTATIVAS EM DISCUSSÃOKeila Mendes dos Santos*
(UESB)Diógenes Cândido de Lima**
(UESB)**RESUMO**

Este artigo investiga as crenças, experiências e expectativas de estudantes de Letras/Inglês, professores em formação, sobre a aprendizagem e o ensino da língua inglesa (LI). Por meio da análise das narrativas de aprendizagem e de um questionário aplicado a dois estudantes de Letras/Inglês de uma universidade pública estadual no interior da Bahia, foi possível perceber as principais concepções dos estudantes sobre a aprendizagem e o ensino da LI, bem como suas opiniões sobre o curso de Letras e a formação do professor de língua inglesa. Os resultados demonstram que as experiências anteriores de contato com o idioma, dentro e fora da universidade, influenciaram na construção das crenças dos estudantes, como também fundamentam suas expectativas enquanto futuros docentes.

PALAVRAS-CHAVE: Formação do professor, Crenças, Língua Inglesa.**INTRODUÇÃO**

Considerando que os estudantes de Letras/Inglês são os futuros professores que atuarão no mercado de trabalho no campo de ensino de língua inglesa e que

* Mestranda em Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-PPGCEL. E-mail: keumendes@hotmail.com

** Doutor em Educação/Estudos da Linguagem pela Southern Illinois University. Professor pleno de Língua Inglesa e de Linguística Aplicada da UESB. E-mail: dlima49@gmail.com

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

estes apresentam crenças e pressupostos que irão influenciar e/ou conduzir a sua prática, faz-se conveniente uma compreensão mais densa das opiniões que estes apresentam sobre a sua futura prática pedagógica, bem como uma análise das experiências anteriores de contato com o idioma.

Ao tratar de aspectos relacionados à formação do professor de língua inglesa (LI), o que se percebe é que os estudos que abarcam as questões referentes à formação desteprofissional vêm sendo ampliados, de maneira significativa, nas últimas décadas, demonstrando, além de preocupação e inquietação com a qualidade da formação, a necessidade de constante revisão das práticas e abordagens de ensino e adequações às exigências da sociedade com relação ao ensino de línguas. Para Barcelos (2004), o crescimento no número de estudos sobre a formação dos professores de línguas estrangeiras (LEs) demonstra ainda um reconhecimento por parte de pesquisadores em educação, principalmente em Linguística Aplicada (LA), da necessidade de se compreender como o profissional que vai atuar nas salas de aulas vem se preparando para assumir esta responsabilidade.

Frente a essas considerações, o título deste artigo constitui-se também a questão de estudo aqui levantada, com base na qual, objetiva-se investigar o que estudantes de Letras/Inglês, futuros professores do idioma, pensam a respeito do processo ensino/aprendizagem da LI e do curso de Letras/Inglês como espaço de formação do futuro docente. Partindo da análise das crenças e experiências de contato com o idioma, busca-se também perceber quais são as expectativas de atuação profissional dos informantes ao concluir a sua formação acadêmica.

Antes de adentrar na pesquisa propriamente dita, primeiramente, nos pressupostos teóricos, são feitas algumas considerações sobre a formação do professor de LI no cenário brasileiro atual e, em seguida, apresentam-se



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

informações sobre a influência das crenças e das experiências na prática pedagógica.

A formação do professor de língua inglesa no contexto atual: desafios e perspectivas

No cenário brasileiro, no qual a língua inglesa não é oficialmente utilizada nas relações diárias dos sujeitos, o professor de LI é, em muitos casos, o referencial mais próximo deste idioma para os aprendizes, quando não o único, sendo atribuídos aos docentes novos papéis na sociedade pós-moderna, exigindo mais que a mera transmissão de conhecimentos linguísticos (VOLPI, 2001).

Dentre as novas atribuições do docente, além do conhecimento linguístico, estrutural, pedagógico e metodológico, este deve estar consciente de que a aprendizagem e o ensino de uma LE envolvem, também, aspectos culturais e fatores relativos às políticas linguísticas, extrapolando o ambiente da sala de aula. De acordo com os estudos de Celani (2001, p.32), o profissional de ensino de LEs no Brasil, deve ser percebido como,

[...] um ser humano independente, com sólida base na sua disciplina, ou seja, na língua que ensina, mas também com estímulo característico de pensar (visão de ensino), como desenvolvimento de um processoreflexivo, contínuo, comprometido com a realidade do mundo e não mera transmissão de conhecimentos.

Volpi (2001) destaca que a responsabilidade com a formação do professor deve ser da universidade, visto que esta é a instituição capaz de fornecer uma formação concreta que se adapte às necessidades de atuação dos docentes, permitindo uma integração entre teoria e prática e fornecendo subsídios para executar a docência com segurança e competência.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Ao falar da formação do professor, Leffa (2001) complementa os estudos de Volpi (2001), afirmando que se trata de um processo árduo, contínuo e constante que não deve se limitar apenas ao ambiente acadêmico.

Embora o espaço considerado ideal para formação do docente de LE seja a universidade, muitos autores discordam desses posicionamentos ao considerarem os distanciamentos entre teoria e prática e a carência de experiência com o ensino do idioma ao final da formação inicial. Para Celani (2001), o ambiente acadêmico deve proporcionar aos discentes competências e habilidades que os capacitem para o ensino do idioma, sendo fundamental a constante dialogia entre teoria e prática.

Leffa (2001) pontua ainda que a formação docente é uma preparação complexa que requer um diálogo entre o conhecimento recebido, que são as informações teóricas, e o conhecimento experimental, ou seja, a prática, envolvendo ainda a reflexão proveniente desta junção de conhecimentos. O autor destaca que ao estudante em formação inicial falta o conhecimento experimental que não deve ser atribuído ao período de estágio, pois este é um momento no qual o estudante ainda está sob a tensão da avaliação e dos primeiros contatos com o ambiente da sala de aula, considerando a formação acadêmica apenas como uma das etapas do processo de formação docente que irá se complementando ao longo da sua atividade profissional.

O estudante em formação que já possui algum contato com a prática em sala de aula, como os informantes deste estudo, por sua vez, tem a oportunidade de vivenciar situações distintas simultaneamente, associando teoria e prática e de utilizar o curso de formação para auxiliar na superação das dificuldades e melhorar o seu trabalho. Neste tipo de situação, é possível que o docente possa analisar se os conteúdos trabalhados no curso de formação se adequam ou não à sua realidade e verificar se estes fornecem subsídios significativos para a prática.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Diante da responsabilidade atribuída às universidades pela formação docente e da influência que o professor e suas crenças exercem sobre os estudantes e seu processo de aprendizagem da LI, cabem aqui algumas considerações sobre a relevância e influência das experiências com o idioma, para a adoção de posturas apropriadas ou não na prática em sala de aula.

Influência das crenças e experiências na prática pedagógica

O estudo sobre crenças na Linguística Aplicada (LA) passou a ser considerado de maior relevância para compreensão de como se dá o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira (LE) com base em uma mudança de visão no ensino de línguas no qual o foco do processo deixa de ser os resultados obtidos e passa a ser o aprendiz. Entretanto, estudos mais recentes como os de Almeida Filho (2009), Barcelos (2004; 2006; 2007), Leffa (2001), voltados para a formação dos docentes de LE, demonstram que a prática pedagógica pode ser influenciada, quando não direcionada por crenças, destacando a relevância de se compreender não apenas as crenças que os estudantes trazem para o ambiente da sala de aula de línguas, mas também aquelas que os docentes apresentam sobre as formas de aprender e de ensinar a LE.

Segundo estes estudos, professores e estudantes trazem para o ambiente da sala de aula de língua inglesa (LI) crenças sobre como o idioma deve ser aprendido e ensinado, sendo estas concepções pré-elaboradas com base em suas experiências e contatos prévios com a língua. De acordo com os estudos de Félix (1999), muitas dessas crenças se originam fora do ambiente escolar, partindo de associações estabelecidas com seus hábitos e valores familiares e também com os papéis sociais que desempenham na sociedade.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Desta forma, a prática pedagógica do docente pode ser fundamentada e direcionada com base em crenças adquiridas ao longo das suas experiências com a LI ainda na sua condição de estudante ou mesmo no curso de formação docente. Para Johnson (1999 apud BARCELOS, 2004), muitas das crenças dos professores em formação inicial podem ser resistentes a mudanças e funcionar como lentes através das quais os alunos interpretam as novas informações recebidas durante sua formação direcionando os seus posicionamentos e metodologias frente ao ensino da LE.

Segundo Van Fleet (1979 apud OLIVEIRA, 2004), os professores adquirem conhecimentos e crenças sobre o ensino de línguas estrangeiras com base em três processos: aculturação, educação e escolarização. O processo de aculturação relaciona-se à aprendizagem que ocorre quando se é estudante e observa-se o grande número de professores que transmitem, às vezes, de forma inconsciente, suas ideias e crenças sobre como ensinar a LE. Já o processo de educação refere-se à aprendizagem que se obtém por meio da interação com outros profissionais de ensino dentro do próprio processo de ensinar. O terceiro processo, o da escolarização, trata das experiências em instituições de ensino que fornecem aos professores os conhecimentos teóricos, didáticos e pedagógicos com relação ao ensino de línguas.

Frente às informações pontuadas por Van Fleet (op.cit.), percebe-se que as crenças estão em constante processo de construção em momentos distintos ao longo da formação do docente, apresentando sempre um caráter flexível e mutável, conduzindo a prática pedagógica, seja para se aproximar de uma experiência considerada positiva ou para distanciar de uma abordagem de ensino que não surtiu os efeitos esperados. Este caráter mutável das crenças é proveniente de experiências distintas com o idioma sendo possível interpretá-las e analisá-las de



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

maneiras particulares, considerando o momento em que se encontra o professor em formação.

Em seus estudos, Barcelos (2004, p.23) afirma que

Antes de atuar, as preocupações parecem bastante abstratas e parecem ser baseadas em crenças comuns que já fazem parte do imaginário da sociedade sobre ensino de línguas. Depois de atuar, a reclamação se reflete a algo concreto que os alunos vivenciaram na prática.

Sobre este aspecto, Oliveira (2004) complementa ainda as afirmações de Barcelos (op. cit.) ao destacar que o conhecimento que os estudantes obtêm sobre sua profissão é estritamente experiencial, construído socialmente com base em suas práticas em sala de aula, nas suas crenças e nas experiências no local de trabalho.

Observa-se assim a relevância da experiência em sala de aula para o profissional na formação inicial, visto que esta pode desmistificar algumas crenças que interferem na adoção de metodologias e abordagens de ensino mais produtivas, proporcionando ao docente, também, uma visão crítica sobre sua prática pedagógica, estando mais suscetível a mudanças quando necessário.

Metodologia

Neste estudo o processo de investigação focaliza a formação do docente de língua estrangeira e a influência das crenças e experiências anteriores de contato com o idioma na visão sobre o ensino e a aprendizagem de língua inglesa em contextos distintos. Trata-se de um estudo de caso com base na abordagem qualitativa e no paradigma interpretativista. Têm-se como informantes dois



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

estudantes do IX semestre do curso de Letras/Inglês de uma universidade pública estadual do interior da Bahia, que já trabalham como docentes da língua inglesa, identificados aqui com os nomes fictícios de Maria e João. Para se obter os dados a serem analisados, foram utilizadas narrativas de aprendizagem e um questionário aberto semiestruturado.

Análise dos dados

Ao analisar as informações presentes nas narrativas e nos questionários, percebeu-se que os informantes apresentam crenças sobre a aprendizagem e o ensino de língua inglesa (LI) com base em suas experiências anteriores como aprendizes do idioma, sendo estas também influenciadas pelas posturas adotadas por antigos professores. Observou-se também que a formação acadêmica, embora venha auxiliando na condução dos trabalhos em sala de aula, frustrou algumas das expectativas dos estudantes com relação à aprendizagem da LI. Para melhor visualização desses aspectos, as informações sobre as experiências de João e Maria foram analisadas separadamente, procurando responder à questão de estudo inicialmente proposta.

Maria

Em sua narrativa de aprendizagem, Maria destaca que seus primeiros contatos com a LI foram na escola pública, no ensino fundamental. Entretanto, de acordo com o seu relato,



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Maria-[...] o conhecimento adquirido nesse período não foi válido devido aos problemas [...] que ocorrem no ensino de idiomas em escolas públicas.

Embora não discorra a respeito desses problemas, Maria afirma que este ensino insatisfatório foi um dos fatores que a impulsionou a optar pelo curso de Letras/ Inglês conforme destacado abaixo.

Maria-Eu decidi fazer o Curso de Letras com Inglês devido à curiosidade que eu tinha quanto a língua e queria aprender para poder ensinar da forma que eu queria ter aprendido enquanto fazia o ensino fundamental e médio.

Apesar de alimentar a crença de que o ensino da LI nas escolas públicas é insatisfatório, Maria acredita na possibilidade de mudança desta realidade e percebe a si mesma como umadas pessoas capazes de fazer a diferença e impulsionar algumas modificações no ensino desta língua.

Para ela, o ingresso no curso de Letras/Inglês também foi uma experiência frustrante, visto que acreditava que a universidade seria o espaço no qual iria aprender a LI. No entanto, ao iniciar as aulas,vê-se em contato com disciplinas ministradas neste idioma, sendo necessário que o estudante já apresente alguma proficiência na língua para compreender as aulas e ler textos. Frente à ausência deste conhecimento e a urgência em se aprender a língua inglesa, o curso de idiomas é adotado como solução imediata para suprir as lacunas do curso de Letras, conforme destaca Maria na passagem que se segue.

Maria-Nesse curso foi trabalhado o que esperávamos [...] como, por exemplo, a parte oral e auditiva da língua inglesa.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A ênfase nas abordagens metodológicas do ensino de línguas no curso de licenciatura também não foi bem aceito por Maria que ansiava por desenvolver as habilidades orais, não se mostrando satisfeita com o ensino de LI que obteve na universidade.

Maria-No nosso curso, infelizmente, foi muito visado a parte metodológica e pedagógica de ensinar línguas e o ensino de inglês foi completamente instrumental. Esses problemas fizeram com que eu e alguns colegas recorrêssemos a um curso de idiomas à parte.

Apesar de pontuar os aspectos metodológicos do curso de letras como negativos, ao iniciar sua atuação docente na rede pública, Maria afirma que desenvolveu um bom trabalho devido às estratégias de ensino abordadas ao longo do curso. Ela destaca ainda que não fez um trabalho melhor por encontrar dificuldades em explorar as habilidades auditivas e orais nos alunos, o que a levou a enfatizar o aspecto gramatical em suas aulas.

Com relação às expectativas profissionais, ao ser questionada se havia preferências de ambiente para atuar como docente ao concluir o curso, Maria afirma que prefere atuar na escola pública devido à carência de bons professores na rede. Apesar de ter passado por algumas experiências frustrantes, o seu desejo é retornar ao ambiente no qual passou por essas experiências, na tentativa de proporcionar um ensino diferenciado, percebendo-se como alguém capaz de colaborar para construção de outra realidade frente ao ensino de línguas.

João

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

De acordo com as informações apresentadas por João, seu primeiro contato com a LI se deu na 6ª série do ensino fundamental quando passou a estudar a língua em curso de idiomas particular. O estudante afirma que esta primeira experiência não foi positiva, visto que, em sua opinião, seus colegas eram altamente preparados por serem estudantes de escolas particulares que tinham professores bem qualificados e ele, sendo um estudante proveniente da rede pública, estava em desvantagem, pois seus professores não estavam devidamente preparados para o ensino do idioma.

João afirma que, ao longo do curso de idiomas, foi melhorando e se adequando ao nível dos demais alunos, sendo este seu bom desempenho na aprendizagem do idioma o fator que o impulsionou a fazer a licenciatura em Letras/Inglês.

O ingresso no curso de Letras/Inglês, para João, assim como para Maria, também não correspondeu a suas expectativas, conforme excerto abaixo.

João-Na faculdade não aprendi grandes coisas não, era uma ilusão minha, pois achei que a universidade preparava o profissional para o mercado de trabalho. Com essa falta de preparo que a faculdade não nos dava resolvi entrar em um outro curso que foi o NEC(Núcleo de Estudos Canadenses)e consegui realizar minhas atividades dentro e fora da universidade principalmente em meu ambiente de trabalho pois atuo na rede particular e pública de ensino.

Percebe-se aqui que, novamente, o curso de idiomas é indicado como a melhor solução quando se trata da aprendizagem da LI, principalmente com relação à abordagem de aspectos comunicativos da linguagem.

As experiências negativas de João no ambiente da escola pública e o fato de o curso de idiomas ter suprido as suas necessidades de conhecimento do idioma,



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

direcionaram as suas expectativas futuras de atuação profissional de maneira tal que ele não apresenta pretensões de lecionar em instituições públicas, pois, em sua opinião,

Maria-[...]para trabalhar com inglês precisamos de recursos e tecnologias que a rede particular oferece em maior escala.

Percebe-se aqui o desejo de João de trabalhar em instituições particulares por acreditar que estas dispõem de recursos que possibilitem um aprendizado mais significativo do idioma. O estudante acredita que um bom ensino de línguas requer a utilização de recursos distintos que podem ser mais facilmente disponibilizados na rede privada de ensino.

CONCLUSÕES

Conforme afirma Almeida Filho (2002), o ensino e a aprendizagem de uma LE são caracterizados como um processo complexo no qual os sujeitos, através da linguagem, atribuem novos significados às suas experiências, desestabilizando os conceitos e referenciais construídos na língua materna. Essa complexidade é percebida neste artigo ao analisar as opiniões distintas que os informantes associam à aprendizagem e o ensino de LI.

Nota-se que os entrevistados apresentam a crença de que não é possível aprender inglês na escola pública, destacando o curso de idiomas como o lugar ideal para se alcançar este fim. Esse posicionamento frente ao ensino de LI nas instituições públicas fundamenta-se nas experiências negativas e no ensino considerado insatisfatório vivenciado pelos estudantes neste ambiente. Atualmente, há estudos controversos a este posicionamento dos discentes, como as



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

discussões levantadas na obra de Lima (2011) na qual vários autores se posicionam frente às (im) possibilidades do ensino de LI em instituições públicas.

As situações vivenciadas nestas instituições influenciaram de formas distintas as expectativas dos informantes. Enquanto Maria demonstra o desejo de retornar à escola pública para fazer a diferença, João, por sua vez, pretende optar pelo ensino na escola privada por acreditar que esta apresenta maior disponibilidade de recursos tecnológicos, possibilitando um ensino de qualidade.

Com relação ao curso de Letras e à formação docente, os estudantes demonstram a necessidade de maior exposição ao idioma, de forma que venham a vivenciá-lo em situações reais de comunicação. Há também uma exigência frente ao equilíbrio entre as disciplinas de caráter metodológico e as de caráter linguístico-comunicativo, pois os informantes percebem a preponderância das metodologias de ensino de línguas em detrimento do ensino da língua propriamente dito.

Cabe salientar aqui o real objetivo de um curso de licenciatura em Letras, visto que os estudantes traçaram objetivos que não foram alcançados. Conforme pontua Oliveira (2009, p.40), o real objetivo dos cursos de letras “não é ensinar a língua para o estudante, mas, sim, ensinar o aluno a ensinar aquela língua”. Muitos dos estudantes que adentram as licenciaturas se veem decepcionados ao concluir seu curso de formação por desconhecerem, muitas vezes, o perfil deste e as disciplinas que irão cursar, e por alimentarem expectativas que não serão alcançadas, como a aprendizagem do idioma pontuada pelos informantes.

O curso de formação é o espaço ideal onde essas questões, devem ser debatidas e esclarecidas, exigindo-se uma maior atenção sobre as crenças, experiências e expectativas alimentadas pelos estudantes, uma vez que estas constituirão o perfil do futuro docente e o sustentáculo da sua prática pedagógica.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

As experiências apresentadas e vivenciadas pelos sujeitos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras podem contribuir para uma aprendizagem mais consistente e posterior adoção de uma abordagem de ensino produtiva, mas também podem impedir que estas ocorram de forma satisfatória, conduzindo ao mercado de trabalho um profissional com expectativas frustradas e desacreditado da sua profissão.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas: Pontes, 2002.
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v.7, n.2, p. 109-138, 2007.
- _____; ABRAHÃO, Maria Helena Vieira (Org.). **Crenças e Ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- _____. Crenças sobre aprendizagem de línguas, Linguística Aplicada e ensino de línguas. **Linguagem e Ensino**, vol.7, p. 123-156, 2004.
- CELANI, Maria Antonieta Alba. Ensino de línguas estrangeiras: ocupação ou profissão? In: LEFFA, J.Vilson (Org.). **O professor de línguas estrangeiras: Construindo a profissão**. Pelotas:Educart, 2001, p. 23-43.
- FÉLIX, Ademilde. Crenças de duas professoras de uma escola pública sobre o processo de aprender uma língua estrangeira. In: ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de (Org.). **O professor de língua estrangeira em formação**. Campinas, SP: Pontes, 1999, p. 93-110.
- LEFFA, José Vilson (Org.). **O professor de Línguas estrangeiras: Construindo a profissão**. Pelotas:Educart, 2001.
- LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- OLIVEIRA, Eliane Carolina de. A prática educacional de professoras iniciantes nas escolas de círculos. In: ABRAHÃO, Maria Helena Vieira (Org.). **Prática de ensino**



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

de língua estrangeira: experiências e reflexões. Campinas: Pontes Editores, ArteLíngua, 2004, p. 45-59.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. Nas entrelinhas da narrativa de uma aprendizagem. In: LIMA, Diógenes Cândido de (Org.) **Aprendizagem de língua inglesa:** histórias refletidas. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2009, p. 33-43.

VOLPI, Marina Tazón. A formação de professores de línguas estrangeira frente aos novos enfoques de sua função docente. In: LEFFA, José Vilson (Org.). **O professor de línguas estrangeiras:** Construindo a profissão: Pelotas; Educart, 2001, p. 133-141.